

programação da cinubiteca

[www.labcom.ubi.pt/cinubiteca](http://www.labcom.ubi.pt/cinubiteca)

universidade da beira interior

licenciatura em cinema

29 | abril | 04

ciclo { cinema experimental }\*



## trash

1970 . EUA . 105'

**realização**  
**argumento**  
**montagem**

Paul Morrissey

**intérpretes**

Joe Dallesandro

Holly Woodlawn

Jane Forth

Andrea Feldman

**produção**

Andy Warhol

> Em *Trash* Morrissey trabalhou com uma mesa de montagem e dá-me a impressão que nisso se perdeu qualquer coisa em relação a *Flesh*. Mas ganhou-se outras coisas: o extraordinário uso do zoom, por exemplo, com uma precisão incrível. Acentuou-se também o trabalho sobre a mímica-presença dos actores, criando Morrissey vários *tableau vivants*... animados.

À parte, de novo, a entrega do corpo de Joe Dallesandro, o corpo que todos querem mas que agora, *junkie*, já não corresponde (não pode e não quer corresponder), mantém-se, como em *Flesh*, o carácter de observatório. O enquadramento é mais apertado e esse carácter de observatório vem agora a ser complicado, isto é, intensificado pela exploração do ser-falso das personagens e pelo fazer-falso dos actores (Holly Woodlawn, o travesti, e a sua dialéctica fulgurante, Jane Forth e a sua estridente obsessão, Andrea Feldman e a sua estilhaçada histeria), todos eles grandes *personalidades*, como diria Morrissey, suspensos na própria vida, como Holly, sobre a linha imprecisa que separa ser e representar.

A nossa profunda relação com a arte é de ordem metafísica, como dizia Malraux. E talvez o que haja de mais forte no filme, a sua força metafísica, o que faz com que o queiramos ver, resida nisto: o histórico, quando é só histórico, e o travesti, quando é só travesti, trazem no corpo qualquer coisa para a qual não há *sentido* (só imagens, dir-se-ia), qualquer coisa que nunca poderemos compreender. E outra coisa ainda: no caso dos actores-personagens, não se trata, como em *Cassavetes*, por exemplo, do verdadeiro para que o falso tende, mas sim do falso para que o verdadeiro tende. Não se trata, portanto, do observatório de uma autenticidade suposta dos marginais, suposta nas vidas marginais, mas da sua construção própria, da construção do seu mundo e do pronunciamento do seu mundo, do seu mundo construído. E os corpos, aqui, mesmo no paroxismo, nunca perdem o controlo. <

exibição

29 | abril | 04

17h00

cinubiteca

{anf.1}